

Prince Claus Fund

Fórum Arte pela Justiça
Climática — Reimaginando
Futuros Sustentáveis

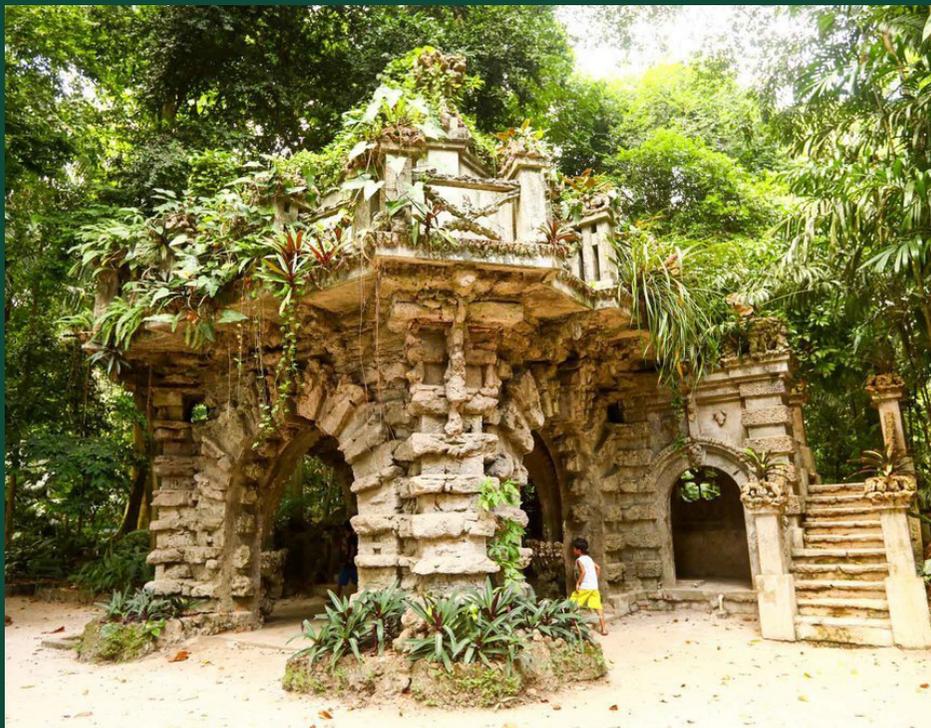
© Prince Claus Fund 2024



C

F o n d s

Em colaboração com a Open Society Foundations, o Prince Claus Fund apresenta “Arte pela Justiça Climática — Reimaginando Futuros Sustentáveis”, uma semana de compartilhamentos, conexões e inspirações que culminarão em um evento público (20 e 21 de setembro) na articulação de respostas e soluções para a crise climática enraizadas em práticas artísticas e em conhecimentos ancestrais.



Above Museu Paraense Emílio Goeldi by Monique Renne

Artistas da [Soros Arts da Open Society Foundation](#) e do programa [CAREC do Prince Claus Fund](#) se encontrarão em Belém do Pará, Brasil, entre 16 e 21 de setembro, em uma semana com diversos encontros com agentes de mudança e organizações locais a fim de promover conexões de sul-sul, trocar metodologias e experiências sobre a articulação de formas não hegemônicas de conhecimento para vislumbrar modelos locais e globais de justiça climática.

Não é coincidência que o evento ocorra um ano antes da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2025 em Belém do Pará. O programa visa conectar as diferentes práticas e realidades, focando em tópicos como direitos ao território e a terra, modelos de desenvolvimento social e econômico e seu impacto socioambiental, bem como racismo ambiental e greenwashing (propaganda ecológica enganosa).

A curadoria do evento foi realizada por **Priscila Cobra**, afro-indígena, artista multidisciplinar, jornalista e carimbozeira afro-indígena de Icoaraci, **Renata Aguiar**, artista visual, educadora e pesquisadora, dedicada ao estudo de relações poético-políticas no corpo-imagem, amazonense radicada em Belém, e **Zayaan Khan**, artista da África do Sul que trabalha em defesa da justiça alimentar, da distribuição da terra e do uso de sementes, por meio da contação de histórias e artes multidisciplinares.

“Aprendi vivendo que o impossível é tão relativo quanto o tempo. E quando falamos de um futuro falamos de tempo, portanto de relatividade. O futuro então pode ser pensado nesse relativo. Acredito que é possível manusear a realidade, por esse ofício, considere-me artesã do impossível. Estar aqui “reimaginando futuros” digamos que foi um belo convite a pensar, com sensibilidade e responsabilidade, esse desenho feito pelo encontro de criatividade, ideias, potências, vivências... Muito tem se especulado sobre qual nossa possibilidade de futuro. Mas se é certo que o tempo passa e com ele torna-se inevitável surgir o futuro, podemos transformar a realidade < impossível > a qual estamos submersos para emergir uma nova ideia de futuro

possível.

O mundo dos 'loucos' ainda se erguerá sobre os escombros da injustiça, então, nenhum sonho adormecerá, porque a verdade não precisará ser dita, será vivida, do nascer ao pôr do sol, em todas as fases da lua." - Priscila Cobra, multiartista de Icoaraci e curadora do Fórum Arte pela justiça climática

Uma breve descrição do programa fechado, dedicado a introduzir o grupo internacional à cena cultural e socioambiental de Belém, e dos vários momentos de compartilhamento com organizações e artistas da região, e do evento público, no qual a intenção é ampliar as trocas e as conversas para uma audiência maior, segue a seguir. Antes disso, segue um texto com a definição de 'roda', feito por Priscila Cobra e Roberta Tavares, cuja essência e, às vezes, forma foram usadas para moldar os muitos momentos que integram esta experiência:

“Roda, o que em uma tentativa de tradução para o inglês poderia ser ‘circle’ ou ‘round,’ está presente em vários aspectos da cultura brasileira e paraense e se conecta com a noção de que o passado, presente e futuro não têm início, meio e fim. Em qualquer ponto da roda, você pode se conectar com o ontem, com o hoje e com o amanhã também. Entende-se que nós, hoje, no tempo presente, somos os ancestrais do futuro—e os ancestrais do passado estão presentes nos códigos que formam a roda, que conecta tudo e a todos. A roda de Carimbó, dessa forma, envolve esses fazeres e saberes que estão além do tempo, se materializando nos tambores, nas danças em círculo, nas repetições dos versos respondidos pelo coro e nas vozes. Nas culturas nativas das Américas e nas culturas de matriz africanas que aqui adentraram com a diáspora forçada, o símbolo da roda é muito cara, é o símbolo do coletivo, do horizontal, da relação presente passado, por isso a roda de samba, a roda de capoeira e por isso nossa roda de carimbó.” - Priscila Cobra e Roberta Tavares, Poeta, historiadora e quilombola das margens de um igarapé amazônico chamado Cravo.

16 a 19 de setembro - Programa fechado

Como parte do Fórum “Arte pela Justiça Climática”, os artistas mentorias CAREC e Soros se reunirão por quatro dias compostos por diversas experiências e vivências voltados para promover conexões entre os participantes e o cenário artístico e ativista de Belém.

A proposta para o primeiro dia do Fórum é introduzir os artistas, tanto uns aos outros como à cidade de Belém, com suas complexidades, territórios e comunidades, desde o centro urbano até os bairros periféricos e as regiões insulares amazônicas. Para tanto, passaremos o dia em uma instituição que tem acompanhado o desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos e que desempenhou um papel significativo na



Above Museu Paraense Emílio Goeldi by Monique Renne

formação das narrativas e discursos sobre a Amazônia: [Museu Paraense Emílio Goeldi](#). Após uma caminhada pelo parque do museu, será realizada a roda de conversa “Amazônia, território sagrado, cultura ancestral”, na qual [Roberta Tavares](#), poeta, historiadora e quilombola, [BorBlue](#), poeta de slam e músico, e [Marlúcia Bonifácio Martins](#), Coordenadora de Pesquisa e Pós graduação do Museu Goeldi e Pesquisadora em Biodiversidade, compartilharão suas perspectivas sobre a cidade em contextualização sócio-cultural e política sobre o território.

Após obtermos uma compreensão inicial de Belém, partiremos para Icoaraci, onde passaremos a manhã do dia 17 na oficina de cerâmica da [Família Sant’ana](#). Lá, observaremos como diferentes tecnologias, tanto indígenas quanto contemporâneas, têm interagido e continuam a interagir atualmente, além de refletir sobre a comunidade, a preservação e a harmonia com a natureza amazônica. À tarde, faremos uma vivência na casa de Carimbó mais antiga cidade, [Coisas de Negro](#), com [Mestre Nego Ray](#), mestre de reconhecida trajetória na cultura do carimbó do Pará. O próximo passo será pegar um barco para Cotijuba, onde, na Praia da Flexeira, mestres e músicos de carimbó — [Mestra Nazaré do Ô](#), [Mestre Jaci](#), [Mestre Thomaz Cruz](#), [Mestre Lourival Igarapé](#), [Mestre Ney Lima pela Paz](#), [Mestre Dimmi Paixão](#), [Yuri Moreno](#), [Lis Ferreira](#), [Anne Almeida](#), [Isaac Santos](#) — estarão esperando os artistas internacionais para uma noite de muita música na [Hospedagem Latino Paraense](#).

No dia 18 os artistas terão a manhã livre para apreciar a biodiversidade de Cotijuba. À tarde, todos irão ao [Mirante da Pedra Branca](#) para uma vivência com [Mãe Márcia de Xangô](#), líder comunitária e sacerdotisa do centro [Caboclo Rompe Mato](#), um templo de Umbanda. Mãe Márcia compartilhará seu trabalho com esta religião afro-brasileira e suas muitas iniciativas na ilha, como o Festival Pyracema, que promove a cultura afro-indígena, com foco principal em saúde pública, culinária afro-amazônica e educação socioambiental. Ao final do dia, retornaremos a Belém

e visitaremos o [Porto-ver-o-rio](#) acompanhados de membros da ASBALAN (Associação dos Balanceiros comercializados de pescados no atacado na pedra do peixe do ver-o-peso), para ter um vislumbre das vibrantes trocas culturais, naturais e simbólicas no maior mercado a céu aberto da América Latina. Por fim, vamos finalizar o dia no [Iacitatá](#), conduzido por Tainá Marajoara.

Os dois grupos terão seu próprio tempo na manhã de quinta-feira, permitindo que os artistas se concentrem em seus processos em andamento dentro de suas respectivas mentorias. Após o almoço, os artistas envolvidos no evento público visitarão o local, o espaço cultural [Curro Velho](#), para verificar se tudo está pronto para o evento público que ocorrerá nos dois dias seguintes. À noite, um evento dedicado à imprensa e a todos os envolvidos no Fórum acontecerá no barco do restaurante Ver-o-Peso, com atrações especiais, entre elas um pocket show do duo [Nova Ruth & Grey Filastine](#) e DJ set de [Carol Pabic Ananindeusa](#).



Above Courtesy of Coisas de Negro

20 e 21 de setembro - Programa público e gratuito no Curro Velho

Convidamos toda a comunidade artística e cultural de Belém e arredores, bem como estudantes de todas as idades, acadêmicos, jornalistas, ativistas, profissionais atuantes no setor público e qualquer pessoa interessada em como a arte e a cultura podem responder a questões socioambientais, para dois dias de programação gratuita do Fórum 'Arte pela Justiça Climática — Reimaginando Futuros Sustentáveis', composta por rodas de conversa, oficinas, performances, instalações e shows.

Todas as atividades serão traduzidas do inglês para o português e também vice-versa para garantir a acessibilidade.

Para as oficinas, apresentações e exibições de filmes, convidamos você a se inscrever neste [link](#), pois as vagas são limitadas.



Above Courtesy of Misha Vallejo

Dia I: “Ecologias do amanhã”(20 de setembro)

O primeiro dia da programação pública, 'Ecologias do Amanhã', mergulha na reimaginação de futuros sustentáveis. O programa é dedicado a repensar e nutrir as relações que moldam nossos ecossistemas, incluindo as conexões vitais entre humanos e entidades não-humanas. Também examina como a arte e a cultura podem dar vida a essas conexões e destaca formas diversas de conhecimento, desde tecnologias que moldam o nosso presente até sabedorias ancestrais e suas possíveis formas de coexistência.

Programa completo

9h30 – 10h30 Abertura e apresentação

10h30 – 12h30 Roda de Conversa “Recriando e Reimaginando Futuros Possíveis no Presente”

Com a participação de [Rosa Chávez](#) (Guatemala), [Gabriela Luz](#) (Brasil), [Chemi Rosado Seijo](#) (Porto Rico) e moderação de [Yara Costa](#) (Moçambique).

Esta conversa nos convida a explorar, expandir e conectar diversas formas de existir e entender os ecossistemas que habitamos. Juntos, podemos imaginar futuras ecologias moldadas por experiências compartilhadas de humanos, não humanos e todos os seres, indo além das narrativas capitalistas e coloniais. Também procura destacar o conhecimento não hegemônico e sua relação com as tecnologias contemporâneas, enfatizando como a arte e a cultura podem dar vida a essas conexões.

12h30 – 13h30 Intervalo para almoço

[Armazém do Campo](#), uma rede de empreendimentos sociais que vende alimentos de assentamentos de reforma agrária, agricultura familiar e camponesa, além de produtos orgânicos e agroecológicos, será um dos responsáveis pela comida do Fórum juntamente com outros produtores locais. Antes do almoço, membros do Armazém do Campo realizarão a Mística, um ritual que engloba diferentes vertentes artísticas.

13h30 – 13h45 Performance “Ao Buscar Minhas Raízes, Sinto-me Arrancado.”

Com Lapdiang Syiem (Índia). A performance aborda a mineração de carvão e o extrativismo em Meghalaya, Índia. Baseia-se em 3 poemas escritos por Esther Syiem, mãe da artista, como reinterpretações de narrativas orais Khasi que questionam as mudanças que afetaram a sua comunidade e território.

13h45 – 15h45 Roda de Conversa “O Direito à Terra, Pessoas e Pertencimento; da Amazônia à Palestina”

Com a participação de [Jane Cabral](#) (Brasil), [Tareq Khalaf](#) (Palestina), [Zayaan Khan](#) (África do Sul) e [Fredy Papilo Gualinga](#) (Equador), e moderação de [Ixchel Tonāntzin](#) (Equador).

Esta sessão se concentra nas realidades do deslocamento e nas noções de terra e território no Brasil, na Palestina e além. Visa lançar luz sobre as metodologias de iniciativas autossuficientes e cívicas que articulam opressões coloniais, imperialistas e patriarcais na (re)construção de comunidades e no fomento de novas formas de pertencimentos.

15h45 – 16h00 Intervalo

16h00 – 19h00 Oficinas, exposições de filmes e performances simultâneas

16h00 – 19h00 Oficina fechada de [Monica Naranjo Uribe](#) (Colômbia): “Meu centro do mundo: onde a água doce e a água salgada se encontram”

Durante esta sessão, crianças locais entre 6 e 10 anos se reunirão para criar um mapa coletivo das ilhas de Belém, focando especificamente o ecossistema estuarino e suas diferentes formas de vida, como uma maneira de incentivar seu senso de cuidado, afeto e pertencimento.

16h00 – 17h00 Apresentação de [Sofía Acosta](#) (Equador): “Lago Agrio, um lugar onde as histórias do petróleo e da família se entrelaçam”

Lago Agrio, moldado pelo primeiro poço de petróleo da Texaco na Amazônia equatoriana, influenciou profundamente a história da família da artista e sua visão do petróleo como algo tanto sedutor quanto destrutivo. Por meio de uma ativação arquivística performativa, Sofía visa redefinir a Amazônia como uma paisagem



Above Sofía Acosta-Varea in collaboration with Llego Films and Archivo Visual Amazónico. Image based on a still from the video art piece 'El Oriente es un Mito' (2022)

em decadência onde utopia e distopia coexistem, refletindo a complexa relação entre a humanidade e a natureza.

16h00 – 19h00 Oficina de Ixchel Tonāntzin Xōchitzihuatl (Equador) e Fredy Papilo Gualinga (Equador): “Mapeando o futuro com o músculo da imaginação”

A oficina se concentra em transformar nossa imaginação ao desprogramar padrões de pensamento coloniais e opressivos, permitindo-nos imaginar e criar um futuro onde toda a vida prospera. Por meio de meditação, colaboração e atividades criativas, os participantes explorarão novos caminhos cognitivos para futuros radicais e pacíficos, com oportunidades de continuar esse processo de forma independente.

16h00 – 17h30 Oficina na Sala de Pausa: “Oráculo coletivo”

Por meio de uma imersão participativa e simultânea em publicações com origens e formatos diversos, criaremos narrativas coletivas para a reimaginação de futuros dignos e que contemplem a complexidade. Traga suas publicações!

16h00 – 17h00 Exibição de filme e conversa com Marianne Fahmy (Egito), mediada por Benji Boyadgian (Palestina): “O Que Pode Vir Acontecer”

Um filme especulativo que imagina as consequências de uma inundação prevista para acontecer devido ao aumento do nível do mar, que submergiria o Delta do Nilo no Egito. Alternando entre mitos e história, realidade e ficção, a obra desconstrói projetos hídricos existentes e imagina um futuro onde o nacionalismo pode ser reinventado.



Above Still from “Carimbó Raiz da Vida”

16h00 – 17h00 Exibição de filme e conversa com Priscila Cobra (Brasil): “Carimbó Raiz da Vida”

Inspirado pelas marés rítmicas, “Carimbó Raiz da Vida” é um filme que mescla a música lírica de Priscila Cobra com as imagens à beira do rio de Marcos Corrêa. O filme é uma construção híbrida de poesia audiovisual, criada a partir da simbiose dos olhares de dois nortistas negros, comunicadores, periféricos que atuam criando conteúdos sobre o mesmo território, a Amazônia.

17h00 – 19h00 Exibição de filme e conversa com Mohamed Sleiman Labat (Argélia): “DESERT PHOSfate”

Baseado em perspectivas e filosofias do modo de vida saharauí, “DESERT PHOSfate” é um documentário experimental que explora a história do fosfato. O filme examina as diversas narrativas sobre a conexão com a terra, as partículas de areia, as plantas e o deslocamento humano e mineral. Além disso, o documentário investiga formas de abordar realidades, metáforas e poéticas do deserto.



Above Stills from “DESERT PHOSfate”

17h00 – 19h00 Exibição de filme e conversa com Monica de Miranda (Portugal/Angola), mediada por Joyce Cursino (Brasil): “Como se o Mundo Não Tivesse Oeste” e “Caminho para as Estrelas”

Em ambos os filmes que se passam em Angola e que compõem

uma sequência de quatro partes, Mônica oferece maneiras não ocidentais de visualizar paisagens e desafia percepções normativas de memória, história e território, além de destacar as estruturas coloniais e os legados que ainda precisam ser desmantelados.

17h00 – 19h00 Oficina de Sharon Chin (Malásia): “Criaturas da mente, criaturas da terra”

Como nos tornamos seres separados da terra e como fazemos a jornada de volta à teia da vida? Esta oficina convida os participantes a imaginar uma maneira alternativa de habitar o mundo por meio de um desenho coletivo e da contação de histórias.

17h30 – 18h15 Apresentação de Grey Filastine (Estados Unidos): “Enxame Sonoro:riando Intervenções de Áudio no Espaço Público”

Esta apresentação mostrará como o artista usa o som no ativismo, em protestos e na arte. Inclui uma breve história de outras intervenções sonoras de Grey que antecederam o “Enxame Sonoro”, desde fracassos épicos até os maiores sucessos.

18h15 – 19h00 Oficina de Grey Filastine (Estados Unidos): “Enxame Sonoro: Criando Intervenções de Áudio no Espaço Público”

Esta oficina abordará a tecnologia, o design de som e as estratégias específicas que amplificam o “Enxame Sonoro”. Os participantes terão uma experiência prática com transmissores FM e editores de áudio. Não são necessárias habilidades técnicas, as ferramentas serão explicadas supondo que não há conhecimento prévio.

9h30 – 19h00 Instalação de Yara Costa (Moçambique): “Nakhoda e a sereia”



Above Courtesy of Yara Costa

Nakhoda e a Sereia é uma instalação de arte, uma experiência imersiva, multissensorial que alerta para a forma como populações costeiras africanas do Oceano Índico, que durante largos séculos mantiveram uma relação harmoniosa com o mar, estão sendo afetadas pelas consequências do aquecimento global — um problema para o qual não contribuíram. A instalação multimídia combina cânticos e contos de pescadores e mulheres do mar, captados em áudio espacial, com projeções em 360° sobre a sabedoria, a arte e a ciência da comunidade de pescadores da Ilha de Moçambique, fortemente marcadas pela cultura Suáli, agora atracadas em Belém com suas canoas.

9h30 – 19h00 Sala de Pausa

Espaço para leitura, relaxamento e conexão entre subjetividades e muito mais.

Dia II: “Arte como Ativismo” (21 de setembro)

“Arte como Ativismo” mergulha na inspiradora e impactante interseção da expressão artística com a ética e o ativismo, destacando como as artes e culturas servem veículos potentes para protesto, mudança social e diálogo.

Por meio de rodas de conversa, discussões, oficinas, sessões interativas e performances, exploraremos as maneiras pelas quais a arte pode provocar o pensamento, inspirar a ação e criar impactos positivos e duradouros na sociedade.



Above Courtesy of Misha Vallejo

Programa completo

10h00 – 12h00 Roda de Conversa “Arte e Ativismo, Ética e Responsabilidade”

Com participação de [Molemo Moiloa](#) (África do Sul), [Deborah Jack](#) (São Martinho) e [Thiago Maiandeu](#) (Brasil), e moderação de [Benji Boyadgian](#) (Palestina).

O que significa ética em contextos nos quais artistas, agentes culturais e ativistas precisam encarar sistemas sem regulamentação que regem os setores artísticos e culturais? Como é possível criar conexões éticas entre governos, organizações e comunidades? Este debate visa destacar questões sobre ética e responsabilidade, para refletir sobre como moldam as práticas dos artistas participantes, bem como os processos e os resultados do trabalho.

12h00 – 12h30 Performance de [BorBlue](#)

12h30 – 13h30 Intervalo para almoço

Alimentos do [Armazém do Campo](#), juntamente com itens de outros produtores locais e familiares, estarão à venda.

13h30 – 15h00 Oficinas, exposições de filmes e performances simultâneas

13h30 – 15h00 Oficina de [Beatriz Paiva](#) (Brasil): “Lambendo a Cidade das Mangueiras; o lambe-lambe em Belém do Pará”

Nesta oficina, a artista apresentará uma abordagem mais aberta e relacional para a criação de arte por meio do lambe-lambe, uma forma de arte que usa a rua como sua tela de pintura, promovendo uma forma democrática e horizontal de expressão que convida a uma relação renovada e dinâmica com os espaços públicos.

13h30 – 15h00 Oficina de [Irene Agrivina](#) (Indonésia), [Dan Li](#) (China) e [Nana Opoku](#) (AFROSCOPE) (Gana): “PHOTOSYNTHESA”.

A oficina se concentra em entender o papel crucial da fotossíntese no combate às mudanças climáticas, demonstrando como as plantas absorvem dióxido de carbono e produzem oxigênio. Por meio de atividades práticas com circuitos eletrônicos DIY (faça você mesmo), os participantes observam e medem processos fotossintéticos chave, compreendendo o sequestro de carbono e a importância de apoiar o reflorestamento e as práticas sustentáveis.

13h30 – 15h00 Oficina de [Brigitte Baptiste](#) (Colômbia): “Ecologias de Transição”.

A crise climática é como um relógio, que nos exige mudar a forma como nos relacionamos uns com os outros e atuamos nos ecossistemas em que estamos inseridos. Devemos construir novos sistemas para nos conectarmos e interagir. Para isso, quais elementos do passado, presente e futuro podem ajudar a criar ecologias de transição para o próximo passo no nosso Planeta? Como as artes e a cultura podem desempenhar um papel na formação deste sistema ecológico?

13h30 – 15h00 Exibição de filme e conversa com [Negritar Filmes](#) (Brasil): “A 7 palmas da Liberdade”

Após quase 30 anos, Raimundo e Maria, um quilombola e uma indígena de Vila Nossa Senhora da Batalha, localizada no nordeste do Pará, decidiram ir ao cemitério onde seus ancestrais estão enterrados. O local é ocupado por uma empresa de óleo de palma que privatizou a área e estabeleceu a plantação em cima dos túmulos. O conflito é inevitável.

13h30 – 15h00 Exibição de filme e conversa com [Tareq Khalaf](#) (Palestina): “Azziza’s Garden: A film in process”.

Este filme explora a jornada do artista de retornar à Palestina e perceber a profunda conexão com o lar. Ao documentar sua experiência com suas duas avós e a tia-avó, Azziza, Tareq reflete sobre o privilégio de pertencer a um lugar e o profundo significado de lar, mesmo em meio à fragmentação familiar, à guerra e aos muitos desafios da vida na Palestina.

15h00 – 15h15 Intervalo

15h15 – 17h15 Roda de Conversa “Imaginação Socioambiental, Arte como Protesto e Protesto como Arte”

Com a participação de [Sofía Acosta](#) (Equador), [Pelé do Manifesto](#) (Brasil) e [Salete Cunha](#) (Brasil), e moderação de [Coletivo Etcétera](#) (Argentina).

Belém será o primeiro local democrático em mais de quatro anos a sediar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2025 (COP 30). Esta roda de conversa, partindo do conceito “Imaginação socioambiental”, mostrará respostas culturais e artísticas para a crise climática, demonstrando como a arte pode voltar os holofotes para os desastres socioambientais e inspirar soluções coletivas, enfatizando o papel da Amazônia e promovendo a unidade global-local para a justiça ambiental.

17h15 – 17h30 Intervalo

17h30 – 19h00 Performance de [Nova Ruth](#) (Indonésia) e [Grey Filastine](#) (Estados Unidos): Arka Kinari “em Terra”

Em uma performance documental que combina vídeo, música e histórias, os dois artistas compartilharão a viagem do Arka Kinari, um navio à vela de 70 toneladas transformado em uma plataforma cultural para soar o alarme da crise climática.

19h00 – 19h15 Comentários finais



Above Courtesy of Nova Ruth

19h15 – 20h00 Roda do grupo de carimbó [Os Quentes da Madrugada](#) (Brasil)

Um show do lendário grupo de carimbó que tem sido fundamental na preservação da rica herança cultural de Santarém Novo.

20h00 – 21h00 Roda do grupo de carimbó [Sereia do Mar](#) (Brasil)

A conclusão do Fórum se dará com um grupo de carimbó formado por mulheres guerreiras! O grupo surgiu do espírito de unidade e resiliência das mulheres locais, liderado por Dona Raimunda Vieira Freire de Carvalho (carinhosamente conhecida como Dona Bigica) e Dona Maria Cristina Monteiro, ambas agricultoras e líderes proeminentes do Clube de Mães.

9h30 – 19h00 Instalação de [Yara Costa](#) (Moçambique): “Nakhoda e a sereia”

Nakhoda e a Sereia é uma instalação de arte, uma experiência imersiva, multissensorial que alerta para a forma como

populações costeiras africanas do Oceano Índico, que durante largos séculos mantiveram uma relação harmoniosa com o mar, estão sendo afetadas pelas consequências do aquecimento global — um problema para o qual não contribuíram. A instalação multimídia combina cânticos e contos de pescadores e mulheres do mar, captados em áudio espacial, com projeções em 360° sobre a sabedoria, a arte e a ciência da comunidade de pescadores da Ilha de Moçambique, fortemente marcadas pela cultura Suaili, agora atracadas em Belém com suas canoas.

9h30 – 19h00 Sala de Pausa

Espaço para leitura, relaxamento e conexão entre subjetividades e muito mais.



C

F o n d s